

“Pessoa é essa papelada sem fim”

Pessoa tornou-se demasiado vasto, e demasiado célebre, para que alguém se atreva hoje a tentar abarcá-lo num olhar global, como o fizeram Gaspar Simões ou Eduardo Lourenço. A nova visão de Pessoa é a que faz equivaler o autor ao seu espólio, diz Richard Zenith, o mais recente Prémio Pessoa.

Luís Miguel Queirós

Nascido em Washington D.C., nos Estados Unidos, em 1956, e naturalizado português em 2007, Richard Zenith é o grande tradutor de Fernando Pessoa para inglês e um dos mais relevantes pessoanos da sua geração, devendo-se-lhe edições tão importantes como as várias que preparou do *Livro do Desassossego*, ou a recolha dos *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoa*, ou ainda o recente volume *Teoria da Heteronímia*, co-organizado com Fernando Cabral Martins. Foi ainda curador da exposição *Fernando Pessoa: Plural como o Universo*, que esteve em 2012 na Gulbenkian, após ter sido mostrada no Brasil. Um persistente labor que lhe valeu agora o Prémio Pessoa, com a inevitável notoriedade pública que a distinção implica. Um eufemismo para não dizer que Zenith se “desdobrou” em entrevistas a jornais e televisões, já que, tratando-se de um pessoano, desdobrar não é verbo que se deva usar levemente. O facto é que já estava farto de falar de si próprio, de modo que combinámos que o tema desta conversa seria o próprio Pessoa, e não tanto o pessoano. Antes da entrevista, Zenith leu alto um dos últimos poemas de Álvaro de Campos (leitura que o Ipsilon gravou em vídeo e que pode ver na edição *on-line*) e partiu desse texto, que abre com o verso “Sal do comboio”, para comentar a universalidade de Pessoa e para sugerir que o poeta dos heterónimos “é maior do que a soma das suas partes”. Um



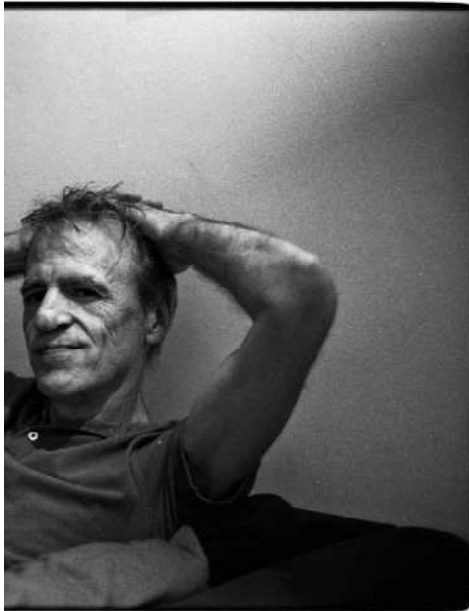
pretexto para entrarmos de chofre na conversa.

Sustentar que a obra de Pessoa é maior do que as partes que a compõem não implica aceitar que a sua fragmentação é reconduzível a uma unidade?
Não diria a uma unidade. Acho que Pessoa ilustra bem essa *negative capability* de que falava o poeta inglês John Keats. Para ele, Shakespeare era o grande exemplo dessa “capacidade negativa”, que consistia em sermos capazes de aceitar o conhecimento pela metade, de coexistir com incertezas, de nos aventurarmos a coisas grandes que nunca conseguiremos explicar bem. Os artistas de maior grandeza eram, para Keats, aqueles que, em vez de se contentarem com produções acabadas e bonitas, se aventuravam no desconhecido. E aí, como a ambição é tão vasta, é inevitável que vá haver muita coisa falhada, muita coisa fragmentária. Isto não significa que exista necessariamente uma grande unidade por trás desses fragmentos, mas sim que existe algo bem maior do que aquilo que está à vista.

Não lhe parece que, apesar de tudo o que os distingue, Fernando Pessoa, Alberto Caetano, Ricardo Reis e Álvaro de Campos falam das mesmas coisas? Como personagens que dialogassem, com estilos e ideias diversos, acerca de tópicos comuns?
Os tópicos são iguais, mas os pontos de vista variam. Os heterónimos são uma maneira de Pessoa ter todas as

opiniões ao mesmo tempo. Ele era realmente um poeta do nada, que não acreditava em nada, mas estava disposto a considerar – e considerou – todas as possibilidades. A heteronímia, entre muitas outras utilidades, servia como palco para o debate de Pessoa consigo mesmo.

A heteronímia foi lida de modos diversos por pessoanos de várias gerações. Dos que a mitificam ao ponto de quase verem Caetano ou Campos como autores de carne e osso aos que a tentam desmistificar em excesso, iludindo a sua centralidade na obra de Pessoa. Se não tivesse inventado estes autores fictícios, Pessoa poderia ter escrito o essencial dos textos que lhes atribuiu?
Os heterónimos não eram criaturas reais, nem semi-reais, mas sem eles não teria existido muito do que Pessoa escreveu. Com as pesquisas dos últimos anos, pudemos ir percebendo melhor como a heteronímia – o “outrar-se” – está ligada à escrita de Pessoa desde o início, desde a infância. Para isso terá sido muito importante o papel desempenhado por um tio-avô de Pessoa, Manuel Gualdino da Cunha, como se depreende de algumas cartas enviadas pelo tio para o sobrinho e recentemente reveladas por Manuela Nogueira. Na biografia de João Gaspar Simões, este parente de Pessoa é praticamente tratado como analfabeto. Na verdade, era um homem culto e muito interessado pela política, um progressista ferrenho, amigo pessoal de José Luciano de Castro. Ele e a mulher, a



tia-avó Maria, foram como segundos pais para Fernando Pessoa: levavam-no à ópera, à tourada... E Manuel Gualdino da Cunha levava-o também ao jornal *Correio da Noite*, órgão do Partido Progressista, onde tinha amigos. Uma das brincadeiras deles era inventar políticos, militares e outros tipos... O tio criava as personagens e o sobrinho alinhava no jogo. Os primeiros autores fictícios de Pessoa, como o Chevalier de Pas, deviam ter surgido nesses jogos com o tio. **Essa relação com o tio é anterior, portanto, à partida para a África do Sul?** Sim. É significativo que Manuel Gualdino da Cunha acompanhe Fernando Pessoa e a mãe, na viagem, e fique ainda um mês em Durban. Tinha uma relação fortíssima com o sobrinho. Regressado a Lisboa, o tio Cunha escreve-lhe cartas falando das brincadeiras que faziam e das personagens que criavam. As visitas ao *Correio da Noite* também explicam aqueles jornais fictícios que Pessoa inventou, *O Palrador* e *A Palavra*, quando tinha 13 anos. Os primeiros escritos de Pessoa, e também os seus primeiros autores fictícios, estavam ligados à ideia do jornalismo. **Ou seja, escrever é uma actividade que Pessoa associa desde criança à invenção de autores fictícios?** Como se vê na lista de 106 heterónimos e autores fictícios incluída em *Teoria da Heteronímia* (volume co-organizado com Fernando Cabral Martins e editado em 2012 na Assírio & Alvim), ainda antes da explosão dos heterónimos propriamente di-

tos, em 1914, Pessoa já criara dezenas de autores imaginários. Teve sempre essa tendência para a dispersão existencial através de alteregos. É uma coisa que vem da infância, mas Pessoa, de certo modo, ficou sempre criança, não é? Sabia perfeitamente que esses seres fictícios eram fictícios, mas conseguiu continuar a senti-los e a vibrar com eles. Esse é o lado mais psicológico, mas também é evidente que, em adulto, inventava deliberadamente heterónimos para os seus fins literários, como outros autores usam pseudónimos. Também fazia isso, mas não fazia só isso. **Sendo assim, depreender-se-lá que o aparecimento de Caetano, Reis e Campos teria sido o momento culminante de um processo iniciado na infância. Mas não acha que entre estes e todos os outros autores fictícios há uma diferença não apenas de grau, mas também de natureza?** Acho que sim, que há aí, nesses três, alguma coisa mais profunda. Caetano foi, para o próprio Pessoa, uma espécie de revelação. Outra coisa são as biografias que depois foi elaborando para os heterónimos. No início, por exemplo, Caetano, Campos e Reis tinham todos nascido em Lisboa. Só mais tarde é que Pessoa decidiu cobrir todo o território nacional, fazendo Reis nascer no Porto e Campos em Tavira. Os pormenores biográficos dos heterónimos foram inventados conscientemente, mas o fenómeno em si, o surgir da heteronímia, tem o seu quê de misterioso. Há algo aí que o próprio Pessoa não saberia

“O surgir da heteronímia tem o seu quê de misterioso. Há algo aí que o próprio Pessoa não saberia explicar e que caracteriza o seu génio particular. Podemos traçar a evolução de Pessoa, mas quanto ao seu génio continuamos a ficar espantados e sem entender”

explicar e que caracteriza o seu génio particular. Como Harold Bloom, acredito que o verdadeiro génio é um fenómeno — raro — que nos ultrapassa. Podemos traçar a evolução de Pessoa, dizer que quando era pequeno lhe aconteceu isto, depois sofreu esta e aquela influência, etc., mas quanto ao seu génio continuamos a ficar espantados e sem entender. **Em Pessoa Revisitado (1973), Eduardo Lourenço observa que são os textos que criam os heterónimos. Ou seja, a grande estranheza residiria na poesia múltipla de Pessoa, e só secundariamente na criação e nomeação dos autores fictícios que a assinam. Está de acordo?** A julgar pelos manuscritos, o próprio Alberto Caetano não apareceu logo com esse nome, que será posterior aos primeiros poemas que Pessoa depois lhe atribui. Nesse sentido, Lourenço tem razão. Mas repare-se que a figura do guardador de rebanhos aparece com a própria produção poética, mesmo que ainda não tenha nome nem biografia. **Se Pessoa tivesse escrito os poemas de Caetano, Campos e Reis, mas tivesse assinado tudo com o seu nome civil, acha que teria hoje a mesma notoriedade, em Portugal e no estrangeiro?** É uma pergunta válida, porque sem os heterónimos, que são motores de criação, Pessoa não teria escrito os mesmos textos. **Ja contou em várias entrevistas como chegou a Portugal com uma bolsa para traduzir poesia medieval e acabou a**

traduzir, também, o *Livro do Desassossego*. Em todos estes anos de trabalho com o espólio de Pessoa, tem tido bolsas ou outros apoios institucionais? Tive uma bolsa da National Endowment for the Humanities, nos Estados Unidos, para traduzir o *Livro do Desassossego*, e recebi outra da Gulbenkian, também para o *Livro do Desassossego*. Como pretendia traduzi-lo na íntegra e havia duas edições em português muito diferentes, tive de pesquisar no espólio para tentar determinar o que realmente pertencia ao livro. **E essa pesquisa levou-o a fazer a sua própria edição portuguesa? Não foi bem assim. A Assírio & Alvim convidou-me a fazer uma edição do livro e aceitei. Mas as condições de trabalho nessa altura não eram fáceis. A Biblioteca Nacional não me deixava ver os originais, mesmo sabendo que era para uma edição, e eu dependia dos microfímes, que nem sempre estavam em condições. Para ver se Pessoa usara ou não uma pinta, era terrível, porque num microfíme há pintas por todo o lado. Depois houve uma fase em que toda a gente podia consultar o espólio, nem que fosse para um trabalho liceal, o que também era absurdo. Acho que foi a necessidade de voltar a condicionar a consulta que levou a que o espólio fosse todo digitalizado, o que já está feito e é óptimo, porque ajuda muito na leitura dos manuscritos. Mas, ao contrário da generalidade dos pessoanos**

actuais, trabalhou sempre sem ligação a universidades... Sempre como *freelancer*, embora colaborando com outras pessoas e nomeadamente com a equipa liderada pela Teresa Rita Lopes. Já publiquei muitos ensaios académicos, mas considero que o essencial do que faço é um trabalho de artesão: interessa-me o contacto directo com a palavra através da escrita, da tradução, da edição de texto. **Se pensarmos nos pessoanos da geração de Jorge de Sena, Eduardo Lourenço ou Georg Rudolf Lind, era gente que se arriscava a dar-nos a sua visão de Pessoa, como já antes o fizera, melhor ou pior, Gaspar Simões. Com o acelerado desenvolvimento dos estudos pessoanos, parece que já ninguém se atreve, hoje, a propor uma visão global de Fernando Pessoa.** Concorro. Já não há coragem para o arrumar. Tem a ver com a amplitude de Pessoa, que fala de tudo e mais alguma coisa, mas também com a actual natureza dos estudos literários: a ideia da unidade ou da essência do autor passou um bocadinho de moda. Há uma nova visão que faz equivarer Pessoa aos seus papéis. É uma visão interessante: a de que Pessoa é essa papelada sem fim, muita dela ainda por publicar. **A propósito dos muitos inéditos que o espólio ainda conserva, um pessoano como Jerónimo Pizarro tem defendido que**

se deveria dar prioridade à sua publicação, reservando julgamentos sobre a importância relativa de cada texto para quando tivérmos, por assim dizer, o filme todo à frente.

O que falta é uma transcrição integral do espólio, do primeiro documento ao último, mas sem ter em mente edição nenhuma. A equipa da edição crítica de Pessoa começou a fazê-lo, mas parou. É um trabalho ingrato, mas necessário. Estão-se a fazer edições críticas ou quase críticas, como as da Babel, mas de tipo temático, o que implica que vários textos aparecem em diferentes edições e outros nunca aparecerão em nenhuma.

No oposto deste desejo de escarafunchar os mais recônditos recessos da arca está a posição dos que, como Herberto Helder, acham que o essencial da obra de Pessoa foi publicado em vida do autor, em revistas e folhetos. Além do Livro do Desassossego e de alguns poemas de Campos revelados nas últimas décadas, vê outros textos póstumos que desmintam este juízo?

Percebo o comentário de Herberto Helder. Pessoa era um bom juiz e publicou o que achava que devia publicar. Mas a morte pode tê-lo surpreendido. O Livro do Desassossego é um grande tesouro muito pouco publicado em vida – apenas 12 fragmentos. E há bons poemas, não só de Campos, mas também de Caetano e Reis, que não foram publicados na Ática, que tinha um gosto conservador.

Se Pessoa guardou tudo, argumenta-se, é porque queria que fosse publicado. Mas decerto não quererá ver editada qualquer irrelevância sarrabiscada num envelope.

Sem dúvida. Acho que ele não queria publicar muito do que tem sido publicado. Mas ou uma pessoa tem coragem para se suicidar, ou não tem... Não pode esperar que seja outro a fazer-lhe esse favor. Se deixou os papéis e não os destruiu, a culpa é dele...

Entre o mais relevante do que ficou inédito, não incluiria o Mad Fiddler e a restante poesia inglesa póstuma?

O Mad Fiddler encerra uma interessantíssima visão panetista do universo e é uma das poucas grandes obras acabadas por Pessoa, que, aliás, tentou publicá-lo. Quanto à restante obra inglesa não publicada em vida, é um núcleo importante em quantidade, mas não é um salto para coisas novas, desconhecidas. Espere, isso não é bem verdade. A obra do Alexander Search é importantíssima para o entendimento de Pessoa.

Está bem colocado para apreciar o inglês de Pessoa. Sente-se que é um bocadinho literário, aprendido na escola? Tinha um inglês completamente fluente, mas era o seu inglês. E com a passagem dos anos vai sendo cada vez mais contaminado pela sintaxe portuguesa.

Até dado momento, Pessoa terá acalentado a ilusão de poder ser um poeta de língua inglesa,

mas mesmo quando esse projecto falhou nunca deixou de escrever em inglês...

Ele teve realmente a ambição de ser um poeta inglês até publicar *English Poems I-II* e *English Poems III*, em 1921. Recebera algumas críticas simpáticas quando editou, em 1918, a primeira versão de *Antinous* e os *35 Sonnets*, mas esses livros de 1921 já quase não tiveram resenhas. Foi aí que ele desistiu. E embora tenha continuado a escrever apontamentos em inglês, a produção de poesia inglesa, até então muito intensa, caiu em flecha.

Se há razões biográficas para explicar a relevância do inglês na obra de Pessoa, como se justifica a proliferação de poemas e prosas em francês? Em cima da heteronímia propriamente dita haveria uma espécie de heteronímia linguística?

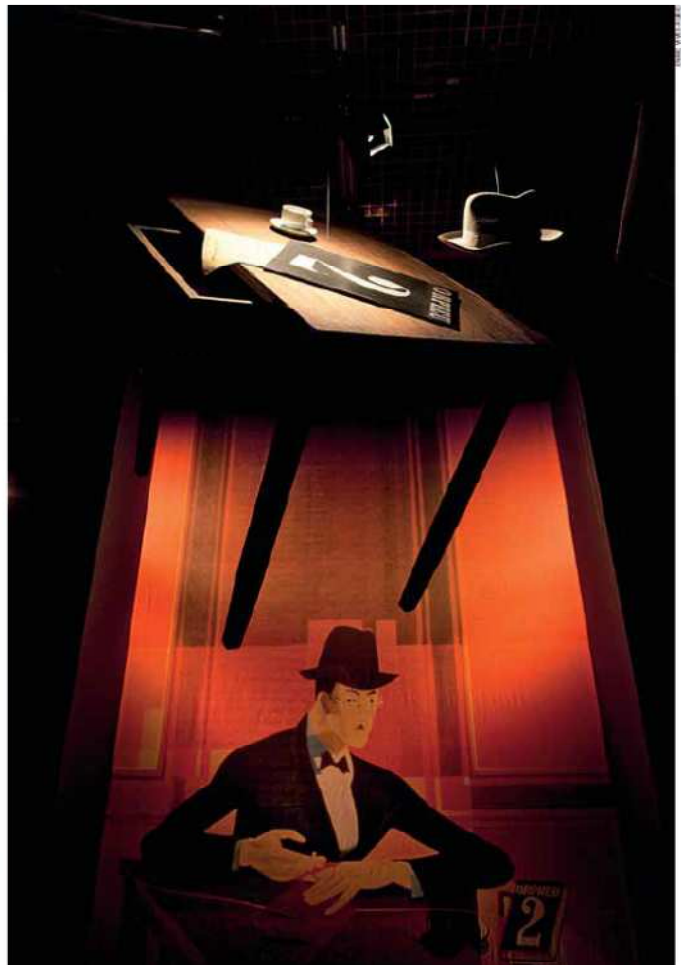
Pessoa era extremamente ambicioso, queria ser conhecido em todo o mundo, conquistá-lo com a palavra. Disse que o Quinto Império seria de poetas, e até de gramáticos. E via-se a efectuar essa conquista cultural sozinho, com o seu exército de heterónimos a escreverem em várias línguas. Mas não era só o desejo de vir a ser conhecido. Escreveu alguma prosa e também poemas em francês no final da vida, quando já não achava que esses textos o levassem a algum lado. No caso da poesia, acho que o impulso era o de usar um meio estranho para poder ser original, e para não se repetir. Um pouco como o artista que habitualmente pinta com óleo e que um dia resolve tentar a aguarela ou fazer uma escultura. Um determinado tema, ou uma recordação, também podia puxar para cima a língua francesa, ou inglesa.

Entre os grandes pessoanos houve sempre, e ainda há, uma percentagem considerável de estrangeiros. E assim para todos os grandes autores ou Pessoa é um caso particular?

Talvez seja. Uma razão pode ser o facto de, nos anos 40 e 50, as universidades portuguesas não terem assim tanta gente formada e devidamente preparada. No estudo da lírica medieval também houve sempre muitos estrangeiros. E Pessoa devia ser um morto demasiado recente para o gosto da Academia. Mas há ainda outro motivo, que é a universalidade de Pessoa: os leitores de outros países não tinham dificuldade em apreciá-lo e em reconhecê-lo logo como um dos grandes nomes da literatura moderna, ao lado de Joyce ou Kafka. Hoje o panorama mudou, claro, e há muitos portugueses a trabalhar sobre a obra de Pessoa.

Os ensaios de Pessoa – penso, por exemplo, nos textos sobre a “nova poesia portuguesa” publicados na Águia – têm uma clareza expositiva cujo reverso pode ser o de um certo esquematismo. É um tipo de ensaísmo que não parece ter raízes portuguesas. Sente nele a influência do inglês?

Pessoa tinha uma maneira um bocadinho inglesa de tratar as coisas, gostava muito de exprimir-se em sequências



lógicas: 1, 2, 3... Mas também sinto o inglês na escrita criativa de Pessoa. Os seus poemas ingleses mais importantes são aqueles que escreveu em português. Vejam-se os poemas de Campos e Caetano, nos quais a influência da prosódia e da sintaxe inglesa são claras. E também no Livro do Desassossego se sente o inglês, por exemplo no uso de pronomes pessoais que não são necessários, ou na maneira como usa a repetição. Em português, faz-se tudo para não se usar duas vezes a mesma palavra numa frase; em inglês, ninguém se importa muito com isso, e Pessoa também não se importava. Já fez duas traduções e preparou sucessivas edições do Livro do Desassossego. E o seu Pessoa?

Talvez. É um livro que não me canso nunca de reter e que me surpreende sempre. É o que tem de mais genial talvez seja essa sensação que nos dá de que podíamos ter escrito aquilo. Ou, mais precisamente, que se soubéssemos escrever como Pessoa, teríamos escrito aquilo. Mas também foi muito interessante, pela pesquisa sobre a vida de Pessoa, preparar a edição dos *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal* (Asírio & Avim, 2003). Parece escandaloso que tenhamos tido de esperar tanto tempo para ler o Livro do Desassossego. Mas imagine que tinha sido publicado nos anos 40. Não era um pouco cedo para uma obra como esta ser devidamente apreciada?

Já tenho dito isso. Lamenta-se a lentidão, mas foi bom que a obra de Pessoa tenha sido publicada à medida que ia podendo ser apreciada. Editorialmente, Pessoa é em boa parte um autor da segunda metade do século XX, e até do século XXI, o que é um feliz acaso, ou talvez não seja por acaso. A maioria dos inéditos revelados actualmente, por mim e por outros investigadores, tem interesse porque Pessoa se tornou no que é hoje e também porque a nossa época tem um gosto pelo fragmento, pelo fragmentário. A propósito, foi a contragosto que Pessoa foi fragmentário. Aspirava sempre a obras bem acabadas, recusava-se a aceitar menos do que a perfeição. Ou era perfeito, ou ficava inacabado.

"Pessoa disse que o Quinto Império seria de poetas e gramáticos, e via-se a efectuar essa conquista cultural sozinho, com o seu exército de heterónimos escrevendo em várias línguas"

Eduardo Lourenço, em Pessoa Revisitado, de que o mais fundo impacto provocado em Pessoa pela leitura de Walt Whitman se dá a ler em Caieiro (numa lógica muito bloomiana de ocultação do precursor) e não tanto em Campos, que até saúda expressamente o poeta americano.

Faz sentido, sim. Encontrei e publiquei um texto em que Pessoa compara Caieiro a Whitman para mostrar que o seu heterónimo é muito diferente, e claramente superior. Pessoa Revisitado é um livro fabuloso, com intuições incríveis. E é também, para voltar a uma discussão anterior, uma boa prova de que o essencial de Pessoa já estava então publicado. Porque todas as intuições de Lourenço continuam hoje a ser válidas.

Dos pessoanos que o precederam, quais são aqueles que sente que o ajudaram mais a ler Pessoa?

Para além de Lourenço, José Gil, que tem uma reflexão muito original sobre a obra de Pessoa, relacionando-a com várias correntes filosóficas. Há pessoanos que fizeram belíssimos estudos e a Teresa Rita Lopes abriu o baralho da heteronímia, mas, como pensadores mais profundos, esses são os dois nomes que me vêm à cabeça.

Jorge de Sena não o interessava tanto?

Ah, sim. Sena, como o Lourenço, tinha uma grande intuição. O prefácio que preparou para a sua edição gorada do *Libro do Desassossego* é dos melhores textos que se escreveram sobre o livro.

Como vários outros grandes escritores do seu tempo, Pessoa interessou-se seriamente pela teosofia, pela cabala, pela astrologia. Mas não fica com a ideia de que, mais do acreditar genuinamente, ele gostava de poder acreditar?

Exacto. Em certo sentido, passa-se o mesmo com a heteronímia. Pessoa acreditava nos heterónimos? Não, mas era como se acreditasse. Caieiro nunca guardou rebanhos, mas era como se os guardasse. Pessoa gastou imenso tempo e tinta em assuntos espirituais, mas nunca aderiu a nada. Era, no entanto, um grande apaixonado da matéria. Um pouco como um apaixonado colecionador de selos, a quem ninguém pergunta se acredita em selos. E, como em Yeats, os estudos espirituais eram mais um motor para a sua poesia.

Outro interesse de Pessoa era a literatura policial. Deixou uma data de histórias inacabadas e reflexões sobre o género, e criou uma personagem interessante: Abílio Quaresma. Mas se todos esses textos tivessem sido deixados por um autor sem a projecção de Pessoa, talvez ninguém lhes ligasse nenhuma...

Entre as coisas que vão sendo publicadas, algumas são literariamente interessantes, outras são-no em termos mais filosóficos, e depois há muitas outras cujo interesse é Pessoa ter-se interessado por elas. Ou por

outra, interessam à nossa visão de Pessoa, mas não como produtos literários em si. Parece que Pessoa talvez fosse incapaz de escrever um policial com garra, com um bom enredo, mas também podemos imaginar que não tinha pachorra para as convenções do género e o subverteu. Ambas as perspectivas são válidas.

Num livro recente, Pessoa Existe? (Ática, 2012), um dos mais produtivos pessoanos da nova geração, Jeronimo Pizarro, reúne vários ensaios que abordam o precoce e persistente interesse de Pessoa no discurso psiquiátrico do seu tempo e na relação entre génio e loucura. Se li bem, Pizarro parece sugerir que esses textos terão servido a Pessoa para construir o seu "caso" e não terão sido alheios à génese da heteronímia. Está de acordo?

A psicologia, o darwinismo social, a loucura e o génio, eram assuntos muito debatidos na época e teria sido estranho que Pessoa não se interessasse por eles. Mas o interesse dele no génio e na loucura era de facto acentuado, também por causa do seu receio de que pudesse ter uma predisposição genética para a loucura. Essas leituras ajudavam-no a construir o seu "caso", concordo. Quanto à heteronímia, parece-me que as suas sementes foram plantadas muito antes, quando ele era criança. É provável, sim, que o seu interesse por essas temáticas tenha influenciado a criação de pelo menos um heterónimo, Alexander Search, cujos poemas estão cheios de alusões à loucura. As paixões intelectuais de Pessoa, tal como as suas paixões espirituais, foram postas ao serviço da sua criação artística. É vice-versa. Mais uma vez, ambas as perspectivas são válidas.

Admite que o trabalho da equipa responsável pela edição crítica impôs à edição de Pessoa em geral patamares de exigência a que agora já é difícil escapar?

Ao longo das últimas décadas, o nível de exigência foi sempre aumentando. Nas primeiras edições da Ática chegavam a publicar versos que Pessoa tinha riscado. É preciso sempre muito rigor, mas numa edição destinada ao leitor não especialista convém deixar o rigor nos bastidores, para não matar o prazer da leitura. Editar Pessoa é complicado, porque deixou tanta coisa inacabada, e não podemos ser nós a acabá-la. Mas temos de pensar bem como apresentar esses textos ao leitor mais geral. Podemos ter a certeza de que Pessoa nunca publicaria cheios de notas e sinais, o que não nos dispensa de empregar notas, mas deve fazer-nos reflectir.

Está a preparar uma biografia de Fernando Pessoa. Quando é que começou a trabalhar nela?
Fui fazendo muita pesquisa sobre a vida de Pessoa, para as edições que preparei, ainda antes de pensar em escrever uma biografia. Era, aliás, uma hipótese vaga, remota, talvez um dia... E um dia o meu agente literário anunciou que uma editora em Nova Iorque queria contratar-me pa-

ra fazer uma biografia. Eu disse que tinha algumas coisas para terminar e que depois avançava. Infelizmente há sempre muitas interrupções, outros trabalhos pelo meio, mas vai indo. Já falei com muita gente, fiz muita pesquisa de biblioteca, estive a fazer investigações em Durban...

Foi a Durban?

Fui, há quatro anos, e descobri algumas coisas, incluindo o primeiro poema que Pessoa publicou em inglês, *The Miner's Song*, com 15 anos. Foi assinado por um pré-heterónimo até então desconhecido, Karl P. Effield, e enviado a *The Natal Mercury* numa carta que Pessoa assinou com outro nome, W. W. Austin. O jornal publicou o poema e citou a carta, na qual Mr. Effield contava que tinha estado na Austrália e conhecera lá uns mineiros... Mas voltando à biografia, escrevi umas 200 páginas, mas depois não gostei do que escrevi e fiz uma pausa para pensar.

De que é que não gostava? Do ângulo que escolhera?

Não era tanto isso. A verdade é que é muito difícil entrar na cabeça de Pessoa. Diz-se que ele estava sempre a fingir, e é verdade. Há um texto de Álvaro de Campos, *Ambiente*, cuja penúltima frase – a última é "Fingir é conhecer-se" – diz: "Estar é ser". Para mim, é isto a filosofia de Pessoa. Ou seja, não há ser, tudo é um fluxo, tudo é estar, e por isso tudo é fingimento, nada é permanente, tudo é um inventar-se continuamente. E como isto é assim, não é fácil chegar ao centro de Pessoa, se é que pode-

mos falar de um centro. Numa tentativa de lá chegar, fiz a experiência de escrever algumas páginas na primeira pessoa, mas não funcionou. Só funcionaria se eu tivesse a intenção, e não tenho, de fazer uma biografia romanceada. Mas, mesmo assim, foi um exercício útil.

Os biógrafos que o antecederam – Gaspar Simões, Angel Crespo, Robert Bréchon – adoptaram estratégias muito diferentes...

... A de Bréchon tem a virtude de eliminar a óptica excessivamente freudiana de Gaspar Simões, e confronta Pessoa com outros escritores, o que é interessante, mas quase não acrescenta novos dados. Já Angel Crespo tirou a perspectiva freudiana e trocou-a pela mística.

Numa biografia, e por maioria de razão quando se trata de uma vida que quase se resume à construção de uma obra literária, deve ser difícil escapar à tentação de apresentar uma visão pessoal do biografado. Atrever-se-á a fazê-lo?

As biografias têm normalmente uma tese, um ponto de vista, um argumento. No que estou a escrever, a dificuldade talvez seja encontrar um ângulo que tenha garra, e que não atraia Pessoa. O que me interessa em Pessoa é o seu contínuo inventar-se. Ainda não percebi se isto pode servir como ângulo, mas vou escrevendo.

Ver crítica de livros págs. 32 e segs.

Pensando nesses leitores dos anos 30 e 40, também Caieiro lhes deve ter parecido estranhamente a-poético...

Hoje em dia, creio que o heterónimo que poderá provocar mais resistência a jovens leitores é Ricardo Reis, e não Caieiro. Um e outro, e às vezes esquecemo-nos disso, ficaram ocultos até 1924-25, quando foram revelados na *Athena*. E parece que ninguém reagiu, o que custou bastante a Pessoa.

Tem uma explicação para essa demora? Álvaro de Campos já "colaborara" em *Orpheu*, dez anos antes.

Penso que Caieiro era particularmente caro a Pessoa e que, em relação a ele, tinha mais medo da rejeição. Concordo com a tese de

MUSEU DO ORIENTE

CARTAZES DE PROPAGANDA CHINESA A ARTE AO SERVIÇO DA POLÍTICA

ATÉ 27 DE OUTUBRO '13. GALERIA NASCENTE

BANCO ESPÍRITO SANTO

MUSEU DO ORIENTE